

Encontros entre Arte e Religião: Jesus pretinho vai à Missa

Juliana Baptista Pereira^{1}*

Resumo: A obra “Jesus Pretinho”, de autoria do artista Alberto Pereira, foi apresentada como parte da liturgia da Missa de Cristo Rei, na ocasião das celebrações do dia da Consciência Negra, que ocorreu na Paróquia Nossa Senhora do Sagrado Coração, em Niterói (RJ). Trata-se de uma tela que apresenta uma Nossa Senhora branca segurando um menino Jesus negro. Ela foi colocada sobre o altar durante o momento do ofertório, onde permaneceu até o fim da missa. Essa foi a primeira vez que a obra apareceu em um contexto litúrgico. Desta maneira, interessa discutir esse “Jesus Pretinho” integrado a múltiplos lugares, observando seus usos e o diálogo que provoca no contexto do catolicismo brasileiro. Em conversas com um grupo de paroquianos, foi constatado que a representação foi bem recebida, destacando-se o papel primordial do padre celebrante da missa. A fala do Pe. Ailton enfatizou que é preciso que o rosto de Jesus possa ser reconhecido pelo povo negro. Apresenta-se aqui a etnografia desse evento e a participação de “Jesus Pretinho” no evento, como ponto de partida para novas reflexões sobre a circulação e os impactos dessa obra em diferentes espaços e suportes, como ocorre com “lambes” e “sticker”, distribuídos pelo Rio de Janeiro, ou ainda, quando passa a ser emoldurada e pendurada em paredes de religiosos e não religiosos, recebendo contornos de Arte Sacra.

Palavras-Chave: Religião; Arte; Jesus

1. Introdução

Esse trabalho² aborda brevemente as intersecções possíveis entre Arte e Religião, campos envoltos por diversas polêmicas quando em relação. Consideramos que a partir dos usos que artistas contemporâneos têm feito de elementos da simbologia e do repertório iconográfico religioso, podemos analisar como as fricções entre os campos provocam novas relações observador/devoto que questionam ainda mais o estabelecimento de tais fronteiras. Pensando nas possibilidades visuais produzidas a partir da presença da religiosidade católica como parte integrante da cultura brasileira, tais imagens são coletadas dos muros, da internet, e analisadas tanto no contexto digital quanto da rua, quando aparecem sob forma de “lambes”. “Jesus Pretinho” é uma dessas obras que surge em múltiplos lugares. Além da rua, a obra tem aparecido como uma espécie de “santinho” na forma de “sticker”, como quadro, em refinadas molduras, penduradas nas paredes de religiosos e não religiosos, ganhando até mesmo contornos de Arte Sacra. Dentre os diversos espaços públicos e privados em que essa obra aparece essa foi a primeira vez em um contexto litúrgico. Tal evento demonstra que diferentemente de outros artistas que propunham realizar uma crítica usando símbolos

*Cientista Social. Mestranda em Memória Social na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. (UNIRIO). Integra o Observatório do Patrimônio Religioso (OPR/UNIRIO). Endereço eletrônico: julianabpereira@edu.unirio.br, ORCID 0000-0002-5188-9853.

² Esse trabalho integra o conjunto de pesquisas do Observatório do Patrimônio Religioso, sendo parte de um projeto mais amplo de documentação e análise de obras de artistas contemporâneos que visam re-apresentar Jesus e outros personagens icônicos, por meio de grafites, lambes, pinturas etc.

religiosos muitas vezes de forma iconoclasta, o artista Alberto Pereira cria composições que dialogam com a visualidade católica, buscando indexar novos corpos à sacralidade já atribuída a tais imagens. Utiliza tanto os elementos religiosos como outros recursos estilísticos na valorização dos corpos re-apresentados em tais obras, como no caso de “Jesus Pretinho”.

2. Jesus Pretinho: a obra e seu autor

“Jesus Pretinho” é uma obra concebida pelo artista niteroiense Alberto Pereira. Um jovem artista negro e “lambedor”. Dentre as diferentes formas de expressão artística que utiliza, o lambe é uma delas, ou seja, sua arte se expressa por meio da colagem das obras em muros, nas ruas. O artista não se define como cristão ou religioso e muitas de suas obras sequer se relacionam com o tema da religião. Vinculam-se a lutas antirracistas e movimentos pró-periferia. É possível encontrar seus lambes em pontos de ônibus, sendo exibidos ao lado de algum anúncio ou pixo. Uma das características do lambe é justamente a reprodução fidedigna da imagem original por qualquer pessoa que possua a impressão em mãos. Após colado não é possível saber se o ato foi realizado pelo próprio artista ou por alguém com uma cópia da obra. Suas ilustrações também podem ser compradas na página web do artista como *fine art*³, onde aparecem como objeto decorativo, mas também contemplativo. Algumas publicações no Instagram pessoal do artista mostram que o quadro aparece também compondo altares domésticos.

“Jesus pretinho” gera diferentes reações em relação ao caráter religioso que suscita. Ao contrário do uso como lambe que sugere a efemeridade, provocada pela deterioração a que está submetido, em seu uso doméstico podem ser observados novos significados a partir da relação que os sujeitos estabelecem com eles em que os sentidos são atribuídos a partir dos usos. Adiciona-se ao sentido artístico as experiências religiosas e devocionais prévias dos sujeitos, a partir da sugestão promovida pelo uso da visualidade católica na imagem. Alberto, assim como outros artistas contemporâneos faz uso ativo da rede social, Instagram. Algumas considerações importantes sobre sua obra podem ser feitas a partir o conteúdo de suas publicações. O Instagram além de um canal de vendas e visibilidade, também funciona como portfólio, onde é possível conhecer mais do artista, seus trabalhos e os lugares em que expõe suas obras. Um arquivo, onde imagens passíveis de destruição, como os lambes, sobrevivem por mais tempo (FERNANDES, 2019).

³ É o processo de transferir e apresentar mídias digitais em formatos impressos com o máximo de qualidade.

Há uma publicação de Alberto em que é possível ver uma fotografia em que Dona Maria segura com orgulho seu quadro de Jesus Pretinho emoldurado. A moldura apresenta requinte de arte barroca, dourada e sinuosa. Ao fundo, é possível ver outros símbolos religiosos, evidenciando a prática devocional católica de Dona Maria, enquanto a devota segura o cartaz feito pelo artista. A partir dessa imagem publicada na rede, realizada antes da entrada de Jesus Pretinho na Missa, é possível refletir sobre como essa presença de símbolos cristãos se inscreve na abordagem de Latour (2004) sobre descongelamento, na qual a imagem vincula-se sem objeções ao repertório iconográfico visual estabelecido pela religião, funcionando como mais um degrau nessa “cascata de mediações” (LATOURE, 2004, p. 372). Portanto, não há separação entre fins artísticos ou fins religiosos. A partir da experiência de Dona Maria, “Jesus pretinho” é arte e devoção⁴.

Outra publicação no Instagram de Alberto apresenta uma reprodução de Jesus Pretinho sendo exibida como lambe nas ruas da capital do Líbano, Beirute⁵. Um país com elevado número de cristãos, mas de maioria muçulmana. O que a obra de Alberto possui que parece poder deslizar quase sem interdições em formatos e espaços tão distintos? Observamos que quanto mais próximas da herança iconográfica religiosa estabelecida mais facilmente, as imagens se estabelecem nessas frestas, atravessando as fronteiras entre arte e religião já não tão bem definidas. Nesse sentido, a permeabilidade da proposta crítica do artista está não na iconoclastia, mas nessa capacidade de deslizamento. Uma imagem que se posiciona cá e lá, que é e não é, que se transforma pelo olhar atribuído pelo observador e pelos espaços em que é exibida.

Essa imagem artística específica, o “Jesus Pretinho”, foi usada para fins devocionais, quase à revelia da intenção de seu criador. Mas, ao pensarmos em uma linhagem de trabalhos de arte que evocam temáticas cristãs, as criações também podem aparecer sendo usadas para fins de sátira religiosa, por exemplo. Obras que na presença de tais modificações sofrem censura, são rechaçadas, consideradas ofensivas, e não são penduradas nas casas ou emolduradas como objetos devocionais. Tornar Jesus menino em um Jesus pretinho não é apenas uma pequena mudança de tons de tinta em uma paleta de cor, trata-se de uma significativa transgressão de significados históricos, que faz emergir debates caros às práticas antirracistas adotadas pelo artista.

⁴ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/B-5nztJJE-1/>>, acesso em 20 de abril, 2022.

⁵ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CJ62VYSp-js/>>, acesso em 20 de abril, 2022.

Se pensarmos no sentido da repetição, como nos falava Latour (2004), é essa ligação com o repertório religioso pré-definido que aproxima devoto e obra. Para além do aspecto dócil evocado pela imagem de um Jesus menino, no colo de sua mãe - o que traz distinções significativas em tais imagens -, a Maria de pele branca também parece remeter ao passado, a imagens canônicas da Arte Renascentista. Uma forma de aproximar e evocar presença - ação que poder ser em si, religiosa. A obra demonstra que é preciso explorar as possibilidades do campo das materialidades tanto na Arte quanto na Religião, produzindo imagens que entrecruzam os mesmos, sem que se perca conteúdo crítico.

2.1 Outros Cristos possíveis

A artista uruguaia Gabriela Sánchez, também aparece em nossas pesquisas e sua obra foi uma das primeiras com a qual tive contato, ainda em 2019. O lambe de Gabriela, colado em uma rua de Montevidéu, inscreve de maneira emblemática sobre um regime de indexação do sagrado, que a presente pesquisa pretende analisar. Na imagem de @ggabbezz, “‘Je-suis’ anônimo”⁶, aparece ilustrado um Jesus na emblemática posição com a mão direita para cima, recebendo nas vestimentas as cores da bandeira dos movimentos pelos direitos das pessoas trans. No esplendor sobre a cabeça notam-se as cores do arco íris das lutas LGBTQIA+. Em sua face há uma máscara que só permite ver seus olhos. Nessa obra, a artista evidencia o anonimato, apresentando um Jesus sem rosto. A artista, abre assim a possibilidade de leitura desse corpo como um significante vazio a ser preenchido por aqueles, que como ele, foram perseguidos pela sociedade de sua época. Esse “Jesus sem rosto”, representação dos “invisíveis” (PY, 2019), permite múltiplas possibilidades de apresentação do personagem, a ser preenchida a partir das próprias experiências subjetivas no contexto contemporâneo.

À semelhança de Alberto, os diferentes suportes do trabalho de Gabriela também incluem *stickers*, *fine-arts* e lambes. No circuito de comercialização da artista, somam-se ainda Feiras de Arte Impressa, que são particularmente populares na Argentina e no Uruguai. No Brasil, o universo do lambe e dos formatos impressos de obras contemporâneas têm se expandido exponencialmente alavancando essa forma de arte por todo território nacional. Grupos como o *Lambes Brasil*, cujo Alberto é um dos idealizadores, atualmente contam com

⁶ Disponível em < https://www.instagram.com/p/BpzPbslnI_K/>, acesso em 12 de out. de 2019.

uma rede de centenas de artistas e projetos dedicados à popularização do lambe como arte pública⁷.

3. A missa de Cristo – Rei

O caso a ser explorado mais profundamente em nossa breve análise, relata a entrada da obra “Jesus Pretinho” durante uma Missa de Cristo Rei, em uma comunidade católica de Niterói (RJ). Sendo um evento que marca o encerramento do ano litúrgico, a missa daquele ano, por iniciativa de um grupo de paroquianos decidiu apresentar no momento de ofertório da celebração, o quadro de Alberto Pereira. A obra foi levada pelo hall da igreja por uma paroquiana, permanecendo no altar durante todo o restante da celebração.

No Brasil, no dia 20 de novembro se celebra o Dia da Consciência Negra. Uma data em que são comuns festividades e ações memoriais que visam alertar e promover conscientização sobre os males da escravidão e a persistência de estruturas racistas na sociedade brasileira como um todo. Por ocasião da proximidade de datas, a Missa de Cristo Rei, que foi celebrada no dia 21 de novembro de 2021, abordou o tema do racismo através da inserção da obra no ritual, mas também por uma série de abordagens sobre a persistência e os malefícios do racismo no Brasil, utilizando para isso dados estatísticos e leituras bíblicas. A ação, ao contrário da indignação que tal abordagem poderia provocar, foi bem recebida pelos membros. Durante a missa, Padre Ailton, o responsável pela cerimônia, proferiu um clamor pedindo para que os membros da congregação reconhecessem o rosto de Jesus no povo negro e não o crucificassem novamente com sentimentos de indiferença à realidade do racismo (SANTUÁRIO DAS ALMAS, p. 1, 2021).

Tivemos a oportunidade de conversar com um dos organizadores que propôs a entrada do quadro. Este além de ser membro da paróquia, é amigo do artista. Segundo ele, ao falarmos de “sagrado” ou “religiosidade” frequentemente pressupõe-se uma certa autoria, uma certa “voz” por trás. Segue dizendo que em nossa sociedade essa autoria estaria vinculada à instituição igreja que acaba por definir o que é sagrado. Sendo assim, a entrada de uma obra como a de Alberto num contexto religioso promove a aceitação do conteúdo daquela obra enquanto sagrado. Ainda sobre o quadro, o organizador ressalta que é mais potente ter a inter-

⁷ Arte pública é uma categoria nativa dos artistas de lambe, pois a exposição de suas obras na rua faz com que elas estejam disponíveis para todos, sem distinção, cobrança de ingresso ou cordas de separação. Para saber mais sobre o trabalho do grupo, acesse: <https://www.lambesbrasil.com.br/>

racialidade retratada no quadro, pois, é interessante que uma mulher branca tenha um filho retinto.

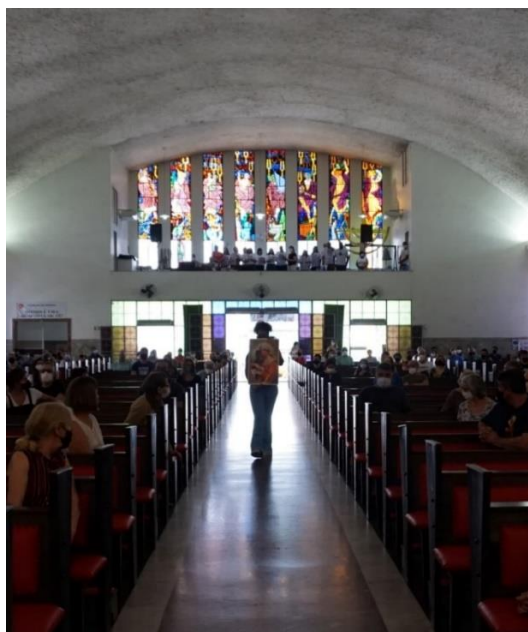


Figura 1: Entrada da obra “Jesus pretinho” em Niterói (RJ), 2021
Fonte: Marcos Kalil

Outro aspecto relevante ressaltado pelo paroquiano é a legitimidade da história de Padre Ailton, o celebrante da missa. A autoridade pastoral trazida pela fala de um padre negro e que teve sua ordenação anos atrás realizada justamente em um 20 de novembro, em boa parte é responsável pela acolhida que a ação obteve.



Figura 2: Padre Ailton e a obra no altar da Paróquia Santuário das Almas, Niterói (RJ), 2021
Fonte: Marcos Kalil

Ao contrário do que se poderia esperar, por conta de fricções recorrentes entre Arte e Catolicismo (OLIVEIRA, 2016) a obra foi bem recebida pelos presentes. O que foi confirmado pela pesquisa, em conversa com outros diversos membros da Paróquia, algum tempo depois da missa. A maioria relatou que mesmo os paroquianos com alguma ressalva quanto a apresentação do quadro, acabaram por aceitar e considerar justificável sua entrada durante a missa.

4. Conclusão

A análise do episódio sobre a entrada da obra Jesus Pretinho durante a Missa de Cristo Rei, na Paróquia Santuário das almas, possibilita perceber que apesar de existirem fronteiras comumente estabelecidas entre Arte e Religião, com frequência esses campos se tangenciam ou mesmo se misturam. Algumas obras, trazem questões contemporâneas em diálogo com o universo teológico e a presença do imaginário católico na cultura, tornando possível que uma imagem seja olhada ao mesmo tempo enquanto obra de arte e de devoção (ou separadamente, como arte e devoção). Obras que chegam em espaços não imaginados para arte contemporânea, como contextos litúrgicos, por exemplo.

Nota-se que os aspectos materiais mediadores produzidos por/pela e para a religião cristã na promoção da devoção e sacralização podem ser produzidos inclusive por/pelas imagens não necessariamente produzidas com fins religiosos, como no caso da obra Jesus Pretinho, produzido com o intuito de desconstruir a imagem congelada de Jesus, branco e colonizador.

Vale considerar a produção de artistas brasileiros e latino-americanos que têm se utilizado de um repertório iconográfico religioso, não por escárnio, mas como promoção de diálogo, utilizando-se da visualidade religiosa como estratégia para trazer conscientização acerca de questões sociais importantes, como percebe-se nas obras de Gabriela Sánchez e Alberto Pereira.

Longe de esgotar tais questões, o intuito deste breve trabalho é iniciar alguns questionamentos não apenas sobre as mudanças no campo da Arte pela presença da Religião, mas também da Religião pela crítica e presença da Arte, por meio de análises sobre a produção de artistas que se engajam em temáticas como a religião, o antirracismo e o impacto que suas obras exercem nos diversos circuitos de arte-cultura-religião em que passam a circular.

Referências

FERNANDES, Thiago Spíndola Motta. Documentação e iconização do efêmero: arte contemporânea e intervenção urbana. Porto Arte: Revista de Artes Visuais. Porto Alegre: Ppgav - Ufrgs, jul-dez, 2019.

INSTAGRAM. Alberto Pereira. Perfil pessoal do artista, 2022. Disponível em: <https://www.instagram.com/albertopereira/> acesso em 02 de nov. 2021.

INSTAGRAM. Gabriela Sánchez. Perfil pessoal da artista, 2022. Disponível em: <https://www.instagram.com/ggabbezz/> Acesso em 2 de nov. 2021

INSTAGRAM. Maxwell Alexandre. Perfil pessoal do artista, 2022. Disponível em: https://www.instagram.com/maxwell_alexandre/ Acesso em 10 de jan. 2022

LATOIR, Bruno. “Não congelarás a imagem”: ou como não desentender o debate entre ciência e religião. MANA 10(2): p.349-376, 2004.

OLIVEIRA, Paola Lins de. Arte e Religião em controvérsia: relações entre censura, arte erótica e objetos religiosos. Mar de Ideias Navegação Cultural, 2016.

PY, Fábio. Jesus e a memória insurgente dos ‘sem rosto’ in: Vozes proféticas no Brasil: Por uma teologia da transformação, pp. 30-41, Christian Aid, 2019.

SANTUÁRIO DAS ALMAS. Roteiro litúrgico elaborado pelo grupo 6 para a Missa de Cristo Rei. Roteiro da celebração realizada na Paróquia Nossa Senhora do Sagrado Coração, Santuário das Almas. Niterói (RJ), 21 de novembro de 2021.